

A pergunta de Madri¹

Jacques-Alain Miller

Desejo uma sessão de perguntas e respostas, mas não uma sessão feita à base de suas perguntas e das minhas respostas. Ao contrário, porém, feita com minhas perguntas e suas respostas. Antes, contudo, devo introduzir a pergunta.

O deus fax e o *mathemundo*

Gostaria de ter uma conversa sobre o fax, porque ele realmente marca o nascimento da Escola Europeia de Psicanálise. O fax faz sentir, às vezes, suas exigências, já que permite pedir respostas imediatas e me faz correr de um lado para outro no mesmo andar, entre o consultório e o fax, com vários pedidos do tipo: "Dentre de quinze minutos vou a uma reunião, se não recebo um fax vou dizer isto...".

Além disso, sem o fax, o processo de elaboração dos Estatutos da Seção da Catalunha, que durou um mês e meio, teria demorado seis meses ou um ano, o que, por sua vez, permitiu avançar muito rapidamente em outros lugares. É a rapidez que dá força à Escola Europeia de Psicanálise, motivo pelo qual podemos fazer o fax merecedor de alguma atenção. Agora, em vários grupos do mundo, é como se a carta de entrada para a Escola Europeia fosse o fax. Assim, a cada dia há notícias de novos fax no mundo: há fax pessoais, fax coletivos, e estamos tentando fazer um catálogo de todos os novos e conectá-los. Há, pois, um fato específico, o fato fax. Antes do nascimento da Escola Europeia, nunca havia utilizado pessoalmente um fax. Sabia

que existia algo assim, que estava num lugar onde eu não ia. Tinha certa desconfiança dessa nova invenção, parecia-me menos atrativa que o correio. Enviei um fax, pela primeira vez, com as dificuldades da técnica, que não é meu forte, no dia 24 de setembro, segunda-feira, com a chegada de um fax a meu apartamento.

Um fato novo, que faz a ciência entrar na vida cotidiana, com seus efeitos de destruição: seguramente Heidegger nunca teria um fax, não há dúvida.

Ou talvez possamos falar do Deus fax, e faze-lo parecer um deus desconhecido da mitologia grega. Poderíamos inventar sua genealogia: por exemplo, poderia ser filho de Iris, a mensageira, e de Hermes. Mas isso seria outra conversa. O fax merece a qualificação de Deus fax, assim como os deuses pertencem à dimensão do real - como recorda Lacan, os deuses da mitologia não são de uma dimensão imaginária, mas real. Enquanto produto do discurso da ciência, o fax é algo real. Podemos ver isso na facilidade com que o fax se encontra com gente obediente, seus escravos, como ele modifica rapidamente a realidade do mundo. O fax modifica a estética kantiana, e como todos os produtos do discurso da ciência modifica a doutrina do espaço e do tempo. Assim comprovamos que o fax muda a noção de proximidade e a relação de vizinhança, que podemos ser vizinhos apesar das distancias geográficas, de tal maneira que o que Heidegger explica em seu *Ensaio* põe-se à prova com o fax. Modifica também as relações temporais, impulsionando uma aceleração que nos faz correr. O fax entra na vida de cada um, na realidade de cada um.

Lacan, em seu Seminário *O avesso da psicanálise*, introduz esses signos, significantes dos discursos, e fala, em lugar de estratosfera, de alestosfera, da esfera do mundo transformada em *Aletheia*, transformada pelos efeitos da verdade. Diz que vivemos não tanto no cosmos como em um mundo estruturado pelos efeitos da verdade. Da mesma

maneira que Santo Agostinho podia dizer "Em Deus vivemos, bebemos e comemos", podemos dizer que fazemos tudo isso na linguagem e nos efeitos da verdade.

Mas, enquanto o fax nos faz ver a transformação, o deslocamento do mundo pelos efeitos do discurso da ciência, poderíamos falar, por exemplo, de um *mathemundo*, palavra constituída de *mathema* e mundo, que o fax introduziu.

O efeito fax é diferente do efeito telefone, este transmite a fala. Agora que estamos acostumados com o telefone, seguramente se perdeu o efeito surpresa que produzia. O fax transmite o escrito. Poder-se-ia chamá-lo telegrama ou telégrafo, mas como ele é usado para outra finalidade, é chamado de telecópia. Não tenho pensado muito sobre ele, porque o deus fax não dá tempo para pensar nele: ordena e deve-se segui-lo.

Parece-me, para começar a próxima conversa, que o telefone dá a ilusão da presença do outro, falsa presença, não é a presença verdadeira. Na análise - há aí algo sobre técnica - falando com um analisante creio que não há que dizer coisas especiais pelo telefone; isso não funcionaria, pois a presença é ilusória - pode-se dizer "sim", "não", "venha"..., mas há um elemento de falsidade no telefone. Além disso, dado que é uma fala, não aparece o objeto concreto da operação.

O fax, porém, é como uma carta. Lacan dá um estatuto específico à carta de amor, não dá um estatuto específico à chamada telefônica de amor, o que não quer dizer que a chamada telefônica de amor não tenha sua função. Já a carta tem a superioridade da distancia assumida. Sabe-se que os dois não estão no mesmo lugar. Toda a correspondência amorosa literária assume o fato da distancia dos que necessitam da linguagem da carta como vínculo. O fato de assumir a distancia que o telefone nega, torna a carta mais autêntica.

O surpreendente com o fax é que fica um objeto concreto entre as mãos, fica a coisa mesma que se pode mostrar, que tem sua objetividade, é como um compromisso que, com o telefone, é sempre duvidoso. De maneira que, no fax, temos a comunicação do significante e a produção de um objeto que se entrega com rapidez ao outro. E sabemos que em toda carta há uma vertente significante e uma vertente objeto.

A Escola Europeia de Psicanálise tem se desenvolvido com rapidez no mundo fax. O mundo fax é um mundo muito estranho, nos comunicamos sem fala, sem fala viva. Por exemplo, em um determinado momento troquei com alguém muitos fax de maneira precipitada de ambas as partes e, cinco dias depois desse ritmo, falar por telefone parecia completamente estranho porque era uma comunicação sem falas como uma intoxicação de S_1 . Quando se utiliza o fax com essa frequência (e estou fazendo isso em Paris com Eric Laurent para tratarmos de mover a Escola da Causa) tem-se o sentimento estranho de falar com o escrito; isso é estranho. É como "realizar" um discurso sem palavras, ideal de Lacan *mutatis mutandi*, mas algo sem a fala viva. No mundo fax nada fica esquecido e isso tem interesse no fato de que se fala de memória do computador.

O universal e o existencial

Com isto posso chegar à citação de Lacan: "que se diga fica esquecido por trás do que se diz". É preciso pensar por que Lacan dizia "a aparência do universal revela-se na realidade em uma existência modal", e tomo como prova o subjuntivo. Disso entendemos que alguém pensa o que seria a mesma coisa sem subjuntivo. Poder-se-ia dizer que, como enunciado, esconde sua enunciação ou faz esquecer sua enunciação. Ou poder-se-ia dizer: todos os enunciados fazem

esquecer sua enunciação - isso seria claramente uma enunciação universal sem subjuntivo, etc.

Dizer "que se diga" faz ver em que sentido sob todo universal se esconde o existencial. É uma tese geral de Lacan: sob todo universal há sempre um existencial.

Vemos isso no mesmo exemplo: "que se diga fica esquecido" refere-se ao fato de que se diz, e utilizar o subjuntivo significa que se diz ou não, que não há nenhuma obrigação, que não há necessidade disso. Há algo contingente. Por exemplo, se continuamos nos comunicando na Escola Européia por fax é porque ele nos encanta, nos parece mais limpo porque não se precisa escutar. Escutar já é mesmo uma profissão, e o que é a Escola já o escutamos. As pessoas depois dizem: "não, não disse isto", tudo isso não é claro. Melhor nos comunicarmos pelo fax.

De modo que se poderia decidir que a Escola Europeia se comunicasse somente por fax, de forma que ninguém decidisse nada por outra pessoa. E talvez o fato de que "se diga faz esquecer...", nós não faríamos esquecer nada. Isto é, depende de certa contingência, e nisso se destaca o problema que tem toda proposição universal - saber se há ou não. Pode-se dizer que o unicórnio tem mau caráter? Como verificá-lo? É difícil dizer: "todos os unicórnios tem má índole" porque o problema é que não se encontra facilmente o personagem em questão.

O problema lógico que levantou uma questão na Idade Média, é o que se passa com uma proposição universal quando não há uma existência. Era o problema, já naquela época, de articular o universal com o existencial.

Por que é modal e não assertivo? A asserção dá-se porque o subjetivo é modal. Na asserção trata-se de saber se há ou não, ou seja, é um problema de exatidão e verificação para dizer sim ou não. Por exemplo, quando é tempo de dizer sim ou não - é a frase famosa da primeira página de *Uno por Uno* - significa que desaparecem as

modalidades e somente fica o sim ou o não. É duro isso, porque é no subjuntivo em que se expressa o anseio, o desejo. Agora já não é o tempo do desejo, trata-se da realização do desejo, do tempo horrível do cumprimento dos desejos. Isso é o que significa, no meu entender, a primeira página de *Uno por Uno* que acaba de ser publicada.

E aí, é, por exemplo, tempo de dizer "sim ou não", "o que queriam vocês?" e "o que não queriam?". Temos então o subjuntivo, precisamente o do desejo. Agora é o tempo do "queres" ou do "não queres", tempo de dizer sim ou não.

Desta maneira, entende-se a fragilidade do todo universal. Cada vez que alguém diz "todos" ou "todas", existe a ameaça possível de que um vá buscar um contraexemplo, pô-lo aqui e dizer: "há um que não". Todo universal está ameaçado por contraexemplo. É por isso que K. Popper fundou toda a sua epistemologia na ideia de que o discurso da ciência formula proposições universais e que estas estão sempre ameaçadas de serem surpreendidas pelo contraexemplo.

A única coisa que verifica uma proposição universal é poder dizer, depois de ter verificado um por um o que há dentro, que "não há um que não". O $\forall x$ supõe que se estabeleça que não há um x que não responda à propriedade.

Há, assim, uma dependência do universal com relação ao existencial. Além disso, existe o problema, quando se trata de um conjunto vazio, de que se não existe o unicórnio ninguém pode apresentar um unicórnio de mau humor, de tal maneira que não há contraexemplo. Se digo: "todos os unicórnios têm mau caráter", se você quiser demonstrar o contrário, deverá me mostrar um unicórnio de bom humor, é mais seguro que uma proposição científica. Isso com respeito à articulação do universal com o existencial.

Há mais um ponto em Lacan que diz que toda proposição universal é possível se há um existencial negativo, isto é, que uma proposição universal somente é possível se há um

contraexemplo. Somente é possível dizer "todos" a partir de um ponto que está fora do "todo", ponto que vai até a negação. É a lógica do líder, que apenas possibilita um conjunto de todos com a condição de que alguns fiquem fora do conjunto geral.

A prática do Um por Um

Vejamos algo interessante. Por exemplo, o cartel - do qual escuto hoje várias coisas excelentes - responde à lógica do todo, de fazer um conjunto com um Mais-um, e também se opõe à lógica do todo, é intenção de antinomia do todo, com o Um por Um. Quando dizemos "todos" não é necessário tomarmos as pessoas uma a uma. "Todos fora" - não é necessário tomar cada pessoa pela mão, chamar seu nome e dizer: "por favor, saia", basta dizer "todos". De modo que a vida é muito simplificada quando alguém se dirige a todos. O Um por Um é necessário quando o "todo" não funciona, e o todo parece não funcionar quando há infinito, quando não conseguimos terminar a coisa, quando há sempre mais e mais. Vocês sabem que Cantor, por exemplo, conseguiu falar de todos os números inteiros e inventar um significante para designar todos os números, a todos do todo dos números inteiros. Mas feito isso, teve que inventar mais e mais significantes, pois se reproduzem de maneira infernal.

A primeira lógica é a lógica do "Todo" e do "Mais-um" ou do "Menos-Um". Há outra lógica: no lugar de fechar o todo, deixa-se um ponto negativo no exterior, um ponto diferente, não se constitui o todo, de modo que se diz "não todos". De "não todos" pode-se dizer que respondem ao predicado - não podemos dizer "todos". Há duas maneiras de não poder dizer "todos". Por exemplo, "todas as ovelhas são brancas" - vemos as ovelhas brancas na serra. Em um dado momento, vemos uma ovelha negra, momento em que dizemos

"não todas as ovelhas são brancas". Tomamos a ovelha negra e a colocamos fora porque não queremos ver a ovelha negra. Podemos dizer então: "antes não todas as ovelhas eram brancas, mas agora todas as ovelhas são brancas".

Entretanto, há outra maneira de entender "não todas são brancas". É um fenômeno curioso: são todas brancas menos a ovelha negra. Tomamos a ovelha negra e a retiramos, e ao voltar a olhar as ovelhas brancas há outra negra e a fazemos sair, e assim sucessivamente. E isso é o que se produz em um conjunto não segregativo, resistente à segregação. Toda a dificuldade da Escola Paradóxica, retomando um título desta tarde, é que uma Escola de Psicanálise funciona assim.

Isto é, o "não-todo" não é do tipo em que, introduzindo-se um transgressor negro, é possível retirá-lo, mas do tipo que, por falta da essência do analista, nunca se pode dizer "todos", do analista ou de um analista em particular. Cada analista tem algo negro escondido, e talvez os mais honestos sejam aqueles que se mostram negros. De tal maneira que isso tem como consequência que a ideia de segregação não é um princípio da Escola, apesar de haver seleção. É uma lógica que deixa que a ovelha negra sempre se introduza. Ninguém sabe se é a ovelha negra ou outra, se sai pela porta e torna a entrar pela janela.

Quando dizemos Um por Um isso significa que funcionamos sob a égide da não essência do analista. Não se trata de verificar se alguém tem a essência do analista, e sim a essência do predicado. Não temos a máquina exata dos critérios para ver se responde ao critério. E, por sua vez, há um tipo de marca, sim, que eventualmente é a do passe e parece poder indicar que há analista.

De tal maneira que o Um por Um está funcionando sobre o não-todo segregativo, isto é, sobre o não-todo que não permite reconstituir um todo pela exclusão de um elemento.

Se dizemos que há dois pilares da Escola, o passe e o cartel, é na medida em que o cartel responde à lógica do "todo", constituindo um pequeno grupo ou condição de ter um Mais-Um, e que o passe responde à lógica do "não-todo". Isso se articula, ao mesmo tempo, com o que eu disse do cartel como destotalizador, segundo outra perspectiva.

Agora chego à questão da minha pergunta desta noite. Eu a elaborei para falar da prática do um por um na Escola Europeia de Psicanálise, prática que não significa verificar se todas as ovelhas são brancas, negras, etc.

A entrada na Escola

Creio ser necessário no momento discutir a entrada na Escola como pergunta e não como decisão.

Lacan não dá um critério de entrada para a Escola. Ela será fechada e o GEM (Grupos de Estudos de Madri) será seu umbral. Atualmente o GEM tem um Conselho guardando-lhe a porta. Decidiremos agora que pergunta deveremos colocar na porta de entrada do GEM, que permite a entrada para a Escola.

Lacan nos dá como critério "o trabalhador decidido". É uma expressão que Lacan utilizou uma só vez, ainda que nós a tenhamos dito uma centena de vezes, a ponto de tornarmos esse "trabalhador decidido" um personagem burlesco. "Que faz você na vida?" - "Sou um trabalhador decidido!". Não sei se o "trabalhador decidido" mostra suas bordas interiores ou se promete maravilhas ao futuro... a pessoa entra, a máquina funciona e sai sim ou não.

Pode-se dizer que, para entrar no GEM, é preciso ser reconhecido como um "trabalhador decidido". Alguém me perguntou se devemos demonstrar duas vezes que somos "trabalhadores decididos": à entrada e tornar a demonstrá-lo depois... É um problema sério, não é?

Podemos evocar o que Lacan havia previsto em 1964. Contudo, em 1974, Lacan dá aos italianos outro critério - propõe a eles que se alguém quisesse entrar, teria de demonstrar que fora analisado. Isso é o que Lacan lhes propõe em 1974 e parece que a proposta foi tão impositiva, tão amedrontadora, que ninguém se apresentou, todos fugiram das reuniões até sua catástrofe pessoal. É um fato.

Em Granada, mostrei os critérios de entrada propostos por Lacan: o critério de 64 e o de 74. Que fazemos com isso? Por que a gente diz: "Oh! Muito bem, Miller gasta muito tempo com coisas institucionais, devemos ir rápido ao analítico". Por exemplo, na carta da Tríada de 1947, creio que está dito: "apuremos o tema analítico". Estamos nisso.

Há nos textos de Lacan duas maneiras de entrar na Escola, dois momentos diferentes de entrada. A primeira é demonstrar ser um "trabalhador decidido", a segunda, demonstrar somente ter sido analisado.

Aí aparecem problemas: temos que fazê-lo a partir de 64 ou a partir de 74, agora que estamos em 90? Há quinze dias, quando fui a Granada tive uma visão do problema.

Não me parece um acaso que haja em Lacan dois tipos de entrada. Se vocês pensarem nisso, verão que reflete muito bem os dois tipos de seleção do analista previstos por Lacan. Ele previu a seleção como AME, isto é, o analista que trabalha bem como analista; é uma seleção através do trabalho. E há a seleção pela análise, que dá o analista da Escola. Isso se reflete na problemática de entrada na Escola, ou seja, uma entrada segundo a seleção do trabalho, que é a de 1964, e a seleção através da própria análise, que é o método de 1974.

Parece-me impressionante esta homologia entre os dois modos de entrada na Escola e os dois modos de seleção do analista na Escola.

De modo que esta é a minha pergunta. Se não seria um alívio prever não apenas um modo de entrada para a Escola,

mas dois modos - não estou agora, porém, falando de Grupos de Estudos. Prever dois modos de entrada na Escola deixa a cada um a liberdade de saber se pede sua entrada a partir de seu trabalho feito a favor da causa analítica, ou se quer entrar enquanto analisado, pelo passe, tendo como argumento que está fazendo um trabalho analítico, uma análise.

Parece-me impossível usar apenas a seleção de 74, e dizer a todos "ninguém entra se não fizer o passe". "Todos" é também uma proposição universal. "Todo membro da Escola teria sido analisado". É tão bonito, que não há nenhum dentro do conjunto. É o conjunto vazio, como o dos unicórnios.

De modo que convém, como delegado geral, não impor coisas impossíveis, deixar a cada um decidir se quer apresentar-se para entrar na Escola tendo como argumento o que tem feito ou o que quer fazer em favor da difusão da psicanálise, de seu trabalho como analista, etc., ou tendo como argumento seu trabalho como analisante, seja através do trabalho passado ou presente.

Trata-se de distinguir, de maneira homologa à seleção de analistas, um passe de entrada, tal como Lacan o previa, não se tratava de demonstrar que alguém terminou sua análise, mas que a tenha pelo menos começado. E para os não analistas há a via de trabalho feito ou a promessa do trabalho por fazer.

Essa é a minha pergunta. Que lhes parece? Nunca falei disso a ninguém. Que lhes parece deixar a vocês mesmos a liberdade de entrada na Escola, segundo os dois modos diversos?

É uma verdadeira pergunta. Será importantíssimo para o futuro da Escola aquilo com que vocês puderem contribuir.

Tradução: *Angelina Harari*

¹ Apresentação no "Colóquio Uno por Uno do Campo Freudiano". Madri, 17 de novembro de 1990. Texto originalmente publicado em *Uno por Uno* (17). Barcelona: Eolia, abril de 1991, pp. 15-19. Traduzido e publicado primeiramente em *Opção Lacaniana - Jornal Brasileiro de Psicanálise*, ano 1, (4), primavera de 1992, pp. 4-5, e mais tarde em *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (13). São Paulo: Edições Eolia, agosto de 1995, pp. 9-13, texto que aqui reproduzimos. Ele ganhou recentemente uma nova versão feita por Jeanne Joucla, Nathalie Goerges-Lambrichs e Pascale Fari publicada em *La Cause freudienne - Nouvelle Revue de Psychanalyse* (74). Paris: Navarin, 2010, pp. 125-131.